



FIGURAÇÕES DA MARGINALIDADE NA LITERATURA BRASILEIRA

Lívia de Sousa de Amorim¹

Idemburgo Frazão²

RESUMO: Este trabalho busca refletir sobre a utilização da literatura, como instrumento de representatividade social acerca de seu meio, a periferia, que configura um marco no que diz respeito ao lugar de fala e ao protagonismo dos marginalizados, visto que a literatura marginal periférica abre caminhos para a compreensão de uma realidade política, cultural e econômica de um grupo social desprivilegiado.

Palavras-chave: Literatura marginal de periferia; Marginalidades; Periferia; Identidades.

FIGURATIONS OF MARGINALITY IN BRASILIAN LITERATURE

ABSTRACT: This work seeks to reflect about the use of literature as an instrument of social representation about their space, which is a landmark in what refers to place of speech and protagonism of marginalized people, since marginal literature of periphery opens ways for the understanding of a political, cultural and economic reality of an unprivileged social group.

Keywords: Marginal literature of periphery; Marginalities; Periphery; Identities.

148

INTRODUÇÃO

A literatura marginal possui diversas ramificações as quais lhe conferem peculiaridades, entretanto, por vezes, seu conceito pode ser associado somente ao cenário poético brasileiro da década de 1970, mais conhecido como o da Geração Mimeógrafo, que de acordo com a estudiosa de teoria literária Rejane Pivetta de Oliveira contou com a participação de artistas e intelectuais de classe média. Por outro lado, este trabalho pretende focar na reflexão sobre a favela realizada a partir da literatura e de que forma esta dialoga com a realidade social da periferia, aspectos estes que podem remeter a ampliação da compreensão sobre literatura marginal.

A baixa repercussão da literatura marginal periférica antes dos anos 90 e da relevância de sua formação identitária pode ser justificada a partir do suposto padrão observado no cenário literário brasileiro, onde a maioria dos autores consagrados e personagens construídas são homens, brancos, moradores de centros urbanos e de classe

¹ Graduada em Letras (Português-Inglês) pela UNIGRANRIO.

² Professor da Graduação em Letras e do PPG em Humanidades Culturas e artes (Mestrado e Doutorado) da UNIGRANRIO. Doutor em Literatura Comparada pela UFRJ.



média. Ou seja, os “pobres” – conforme termo utilizado pelo historiador, professor e escritor Joel Rufino dos Santos para designar membros de classes menos favorecidas economicamente – negros e trabalhadores, por exemplo, por muitas vezes não possuem qualquer tipo de voz e representação, ou, quando isto ocorre, são retratados em posição secundária e/ou estereotipados, conforme a crítica literária Regina Dalcastagnè salienta. Ainda que o cânone brasileiro seja formado por autores negros e/ou mulatos como Cruz e Souza, Lima Barreto, Machado de Assis e entre outros, há carência de maior atenção à questão da representatividade social.

Além disso, consoante com o estudioso de literatura comparada Darlan Santos e com o escritor Jacques Fux, o teor de rejeição sofrido pelas obras oriundas de periferia pode remeter tanto a sua produção, que é realizada fora do eixo dos centros urbanos - e até mesmo sem qualquer apoio financeiro devido ao perceptível domínio do mercado literário estar atribuído a elite -, quanto ao seu status de “subliteratura” e seu vocabulário que não privilegia o uso da norma culta.

Todavia, seus autores vêm quebrando o paradigma da rejeição e construindo o reconhecimento de que a existência da literatura periférica possui papel importante no que diz respeito à promoção da representatividade social no meio literário. Acerca dessa importância, faz-se necessário refletir sobre a seguinte pergunta: De que forma é construída a representação social da periferia e dos marginalizados através da literatura?

149

LITERATURA MARGINAL PERIFÉRICA E REPRESENTAÇÃO SOCIAL

O presente trabalho pretende refletir acerca das diversas problemáticas que, em sentido mais amplo, envolvem o conceito do que é literatura marginal periférica e de como se dá sua produção. A partir disto tem-se a questão dos múltiplos significados que podem ser atribuídos à palavra “marginal” tanto por pura definição quanto por sua aplicação em diversos cenários culturais e literários. Há ainda a questão da contextualização do que se entende por periferia e como esta se manifesta, e em até que ponto as teorias que fundamentam o que pode ou não ser considerado como literatura influenciam na recepção e na crítica sobre as obras que remetem a este movimento cultural.

O conceito de marginalidade aqui abordado vai além da ideia difundida pela Geração Mimeógrafo da década de 70, que em meio à censura e à violência instaurada pela ditadura civil-militar promoveu um acontecimento cultural protagonizado por artistas e intelectuais



de classe média com acesso à cultura letrada. Conforme a crítica literária Heloísa Buarque de Hollanda (2004) e Oliveira (2011), a marginalidade deste movimento literário brasileiro do século XX foi caracterizada por poesias mimeografadas que refletiram a atitude de inconformismo social e um modelo de vida influenciado por tendências *hippies*, pelo rock, pela psicodelia, pela liberdade sexual e pelas drogas, que qualificam a oposição aos padrões comportamentais sociais vigentes na época e o ser “alternativo”. Entretanto o termo “marginal” já havia sido utilizado anteriormente na literatura em relação a autores como Maria Carolina de Jesus, João Antônio, Lima Barreto e outros, que abordaram temáticas distintas a este período conhecido como “anos de chumbo”. (Frazão. 2011)

As compreensões de marginalidade presentes na poesia de 70 e na literatura periférica contemporânea de certa forma se assemelham se analisadas pelos parâmetros de estética e produção, visto que ambas afrontam o cânone, as normas e os paradigmas estéticos, e se encontram à margem da sociedade aludindo à perspectiva de contracultura. Além disto, conforme Hollanda (2004), muitos autores marginais de 1970 não dispunham de condições financeira e o apoio de editoras, o que prejudicou a circulação das obras que acabaram por serem comercializadas artesanalmente e manualmente, a baixo custo, e por fim não obtendo o devido reconhecimento por conta do menor alcance de acesso se comparado ao obtido pelas obras formais. Esta dificuldade de produção e em obter reconhecimento também é perceptível na literatura periférica. Contudo, apesar das possíveis semelhanças o contexto temporal, físico, seus protagonistas, conceitos e representações são fortemente divergentes.

A estudiosa social Érica Peçanha do Nascimento (2009) se utiliza das definições “literatura marginal dos escritores de periferia” e “nova geração de escritores marginais” para reforçar a oposição à “literatura setentista”. Já o uso da rubrica “literatura marginal” aplicada para o contexto contemporâneo, ou seja, a partir dos anos 1990, remete a três significados apontados pela estudiosa: 1. a “produção de escritores oriundos de espaços marginais”, configurando a autorrepresentação, 2. a “textos que exploram como temas a violência, a pobreza, as carências culturais e sociais, o cotidiano dos presídios etc.”, construindo uma nova vertente chamada de “literatura urbana” ou “literatura da violência” que independe da condição de marginalidade do autor e 3. a “obras produzidas por contraventores e que narram as vivências de seus autores na criminalidade e nas prisões”, chamadas de “literatura de testemunho” ou “literatura prisional” (NASCIMENTO, 2009, p.



110-111). De 1990 a 2005 configura-se a literatura marginal como sendo desenvolvida a partir da condição do autor, ou do tema, ou das duas assertivas simultaneamente.

De acordo com Oliveira (2011) em *Literatura marginal: questionamentos à teoria literária*, para além do contexto artístico o termo “marginal” pode referir-se àqueles que vivem não só à margem da sociedade, mas como também da lei, sendo classificados como bandidos e delinquentes e podendo ser objetos de representação na literatura “ao lado de toda uma classe de desfavorecidos, excluídos e marginalizados social, econômica e culturalmente” (OLIVEIRA, 2011, p. 32). Entretanto, para além da literatura, o termo acompanhou o cinema, a música, a TV e entre outros campos com significados e aplicações diversas.

De acordo com Nascimento (2009), os primeiros estudos sobre marginalidade social tiveram início nos anos 1920 através de pesquisadores da Escola de Chicago, que investigaram a integração dos imigrantes na sociedade norte-americana, O conceito de marginal remeteu ao indivíduo resultante da relação entre sua cultura de origem e a cultura do local ao qual passaram a fazer parte, configurando um deslocamento, um desajuste de personalidade. Com o avanço dos estudos a noção de marginalidade passou a ser estendida podendo ser aplicada a indivíduos e grupos em geral que se sentissem excluídos. A partir do fato da estrutura social ser desnivelada e produzir marginalizações que se tornam cumulativas gerou-se também a ideia de “multimarginalidade” ou “marginalidade generalizada”, conforme apontado pelo cientista político Lúcio Kowarick (1997). No contexto dos países latino-americanos a marginalidade passou a ser associada aos moradores de regiões periféricas e as suas condições sociais, enquanto que para a perspectiva marxista o capitalismo a produzira.

Por sua vez, o vocábulo “periférico” também apresenta diversidade em sua significação, visto que “periférico diz respeito à linha que define o limite de uma superfície, demarcando, portanto, a forma e a configuração de um espaço ou objeto” (OLIVEIRA, 2011, p. 32). Aplicado para o contexto urbano, o termo “periferia” “abarca as regiões afastadas dos centros urbanos, em geral habitadas pela população de baixa renda” (OLIVEIRA, 2011, p. 32). Essas regiões também podem ser classificadas como um espaço social integrado pelas “minorias”, pelos marginalizados, e possui uma relação de dependência com o centro, pois se situa a partir da ideia de um modelo hegemônico responsável por padrões culturais e estéticos.



A ideia contida na noção de espaço periférico apresenta desdobramentos. A estudiosa de antropologia urbana Teresa Caldeira, segundo Nascimento (2009), ao analisar a urbanização da cidade de São Paulo identificou três tipos de segregação espacial: a do século XIX aos anos 1940, que refletia “a preocupação da elite com a doença, a sujeira e a promiscuidade dos pobres” (NASCIMENTO, 2009, p. 152), a dos anos 1940 a 1980, onde a classe média concentrou-se no centro e os e os pobres em zonas afastadas, periféricas, e a dos últimos quinze anos, que se manifesta através dos muros de tecnologias de segurança, que de um lado perpetua a exclusão e de outro cria espaços privatizados.

Ao longo do texto de Nascimento (2009) é evidenciado que as áreas periféricas vêm se transformando e ocupando espaços diferentes, assim sendo deixada de lado a dicotomia centro-periferia, na qual há ricos com boas condições de vida x pobres e má infraestrutura. Porém, isso não significa que essas diferenças sociais vêm sendo abolidas. É justamente a partir delas que produtos culturais como o rap e a literatura emergem, pois essas condições respaldam a possível construção da cultura e da identidade coletiva de periferia, e da aversão desta ao “sistema” e à “elite”.

152

O termo “periferia” antes do terceiro milênio era visto somente por um ângulo negativo, o que atualmente vem mudando a partir da maior atenção empregada no auxílio para o desenvolvimento de projetos culturais de classes populares (Frazão, 2011). Ainda que a alcunha esteja passando por transformações de sentido, os fatores econômicos e sociais não se modificaram e a periferia continua sendo caracterizada como espaço dos desfavorecidos.

O surgimento de obras literárias que trazem a representação da favela e de seu povo marginalizado faz-se no Brasil a partir do início do século XX pelos escritores Lima Barreto e João Antônio, os quais trataram de questões inerentes às camadas menos favorecidas. A partir do final dos anos 90 têm-se as obras *Cidade de Deus*, de Paulo Lins (1997), *Capão Pecado*, de Ferréz (2000), *Graduado em marginalidade*, de Sacolinha (2005), *A margem do Vento* e *Pensamentos Vadios*, de Sérgio Vaz (1995; 1999), e entre outras, que apresentam a periferia através de uma visão interna. Esta percepção alude à ideia de que estas obras não restringem seu papel a apenas refletir sobre a realidade do outro por meio de uma observação, o que acontece com frequência na literatura, e sim ao que segundo a estudiosa de literatura comparada Fernanda Miranda chama de “transfigura [r]-se em discurso hiper-representativo sustentado em efeitos performáticos de “transparência” e “verdade”” (MIRANDA, 2014, p. 335). Isto pode ser confirmado por Ferréz na 2ª edição de



Capão Pecado, onde em nota revela: “Eu começava a viver o meu tema e deixar de ser só um observador” (FERRÉZ, 2016, p. 10).

Acerca da marginalidade associada à literatura tem-se a obra *Vozes marginais na literatura*, de Nascimento, que foi influenciada por sua pesquisa de mestrado intitulada *Literatura marginal: os escritores da periferia entram em cena*, que é considerado como o primeiro estudo brasileiro sobre o tema. Em suma, a pesquisa buscou investigar a utilização da expressão “literatura marginal” por parte de autores da periferia para designar suas obras, a que conceito(s) esta se refere, e entre outros parâmetros, como a produção e circulação das obras, a formação e divulgação de uma “cultura de periferia” e a formulação de identidades coletivas. Esta análise foi realizada através de diversas obras, principalmente por *Literatura Marginal: a cultura da periferia*, que foi idealizada, organizada e editada por Ferréz e publicada na revista *Caros Amigos*, e contou com a participação de 48 autores e 80 textos divididos entre 3 edições, de 2001, 2002 e 2004.

Segundo Nascimento, a coletânea *Literatura Marginal: a cultura da periferia* trata-se de poemas e contos de cunho descritivo, documental ou autobiográfico que retrata o cotidiano de membros de massas populares abrangendo diversos problemas sociais enfrentados, em linguagem coloquial com uso de vocabulário próprio de regiões periféricas, incluindo as memórias e experiências dos próprios autores. Esta literatura transparece um cunho de ato político com textos de fundo moral ou ético, trabalhando as questões sociais para além de características literárias. Foi fruto de uma ação coletiva por um ideal comum estético, político e pedagógico, ampliou a noção de marginal na produção cultural contemporânea, trouxe novos escritores, circulou nacionalmente e pode ser considerado como uma apropriação e legitimação da produção marginal, pois aludiu a manifestos que possivelmente corroboraram para a afirmação de um movimento literário marginal periférico. Sua 1ª edição, “Ato I”, tivera como propósito apresentar os autores, a 2ª edição, “Ato II”, concentrou-se na continuação do trabalho e a 3ª edição, “Ato III”, possivelmente consolidou o movimento.

A expressão “literatura marginal” aplicada ao contexto periférico, segundo Nascimento, refere-se a obras que estão à margem do corredor editorial seja por objeção ou por apresentarem-se como alternativa a esse sistema, e que são opostas ou não pertencentes ao cânone, por não serem clássicos nacionais ou universais e não serem leituras obrigatórias de vestibulares. Seus autores, por sua vez, fazem parte de uma minoria sociológica, absorvem as características dos sujeitos e espaços tidos como marginais – o



que inclui linguagem, a escolha dos protagonistas, cenários e situações – e torna-os como tema, ou seja, releem o contexto dos grupos oprimidos e buscam retratá-lo. Sendo assim, há um vínculo entre produção literária e realidade social, visto que as vivências dão suporte às obras, e essas experiências ao serem compartilhadas fundamentam o movimento literário.

Entretanto, ainda que a produção ocorra em conjunto e suas experiências sejam semelhantes, há autores periféricos que podem ou não utilizar-se da expressão “literatura marginal”, e pode haver divergências entre eles no conceito atribuído a esta. Como exemplo disto tem-se Ferréz, que além de trazer o termo o utiliza para se auto classificar e o atribui às suas produções. Já Paulo Lins, segundo Nascimento, não utiliza esta rubrica nem para remeter às suas obras, nem para denominar outros escritores que são semelhantes a ele no que se diz respeito à produção e a perfil sociológico, pois interpreta a expressão como sendo somente ligada à literatura dos anos 1970 e com conotação negativa, por conta das obras assim classificadas terem sido esquecidas pela crítica. Para o jornalista, roteirista, dramaturgo e escritor Fernando Bonassi, consoante com Nascimento, o sentido com que esta expressão é empregada no cenário contemporâneo é desprezível:

Eu acho a expressão literatura marginal um massacre [...]. É típico da má crítica essa literatura sociológica que não se apegua aos detalhes literários e se prende à experiência social. Isso não me interessa, eu tenho horror às interpretações sociológicas dos autos, isso desqualifica a literatura por causa da experiência social. [...] A ideia de marginalidade empobrece a nossa obra. Estamos falando de urbanidade, eu gosto mais de pensar assim [...]. (Fernando Bonassi em fala em “Mostra Artística do Fórum Cultural Mundial”, realizada em 30 de junho de 2004 no SESC Consolação/SP).

A identificação por parte dos autores com o termo “marginal” remete à assunção de uma “marca”, uma “etiqueta de produto” onde suas obras passam a ser identificadas dessa forma para marcar a sua posição no campo cultural, conforme Nascimento declara pautada no antropólogo, professor e pesquisador Carlos Alberto Messenger Pereira (1981). Considerando a noção de marginalidade apontada pelo escritor e sociólogo José de Souza Martins, que compreende que os indivíduos pertencentes a camadas desprestigiadas economicamente são privados da integração social, Nascimento aplica-a ao contexto dos autores em questão. Estes ao assumirem o termo também constroem a ideia de que “ser morador da periferia urbana brasileira é vivenciar situações de *marginalidade social e cultural*” (NASCIMENTO, 2009, p. 151). Com base em Martins e Nascimento, pode-se dizer



que os autores criam a integração por se manifestarem dentro da própria sociedade que os excluem.

Os diversos significados e possibilidades de emprego do termo faz com que este se torne um diferencial das obras construídas em torno de seus conceitos, agregando “autenticidade”, e a “estigmatização passa ser o vetor das vendagens das obras e da carreira literária de moradores da periferia e presidiários” (NASCIMENTO, 2009, p. 124). Essa estigmatização tem efeito positivo, pois além de impulsionar as vendas das obras aproximou-as de leitores que compartilham do mesmo perfil sociológico, e de certa forma buscou formar novos leitores.

A estudiosa de teoria literária e literatura comparada Andréa Hossne (2005), por sua vez, ressalta que não há marginalização no que se diz respeito ao mercado literário, pois há autores inclusos neste, cujo número de vendas é grande e o público leitor é composto principalmente pela classe média. Isto pode ser considerado como um ponto negativo, pois possivelmente contrapõe-se ao ideal esperado, que seria o de atingir um público leitor majoritariamente oriundo da periferia.

155

De acordo com Érica Nascimento, já havia registros de figurações diversas de várias espécies de marginalidades, antes de 1970 como a dos tropicalistas, as presentes nas obras de João Antônio e Plínio Marcos, Mas foram autores como Ferrez e Sacolinha, com os textos publicados pela revista Caros Amigos, que os autores de periferia assumiram efetivamente a denominação “marginal”. E acrescentaram o termo periferia. A epígrafe do *Manifesto de Abertura*, da 1ª edição deste projeto literário, considera que:

O significado do que colocamos em suas mãos hoje é nada mais do que a realização de um sonho que infelizmente não foi vivido por centenas de escritores marginalizados deste país. [...] Uma coisa é certa, queimaram nossos documentos, mentiram sobre nossa história, mataram nossos antepassados. Outra coisa também é certa: mentirão no futuro, esconderão e queimarão tudo o que prove que a periferia fez arte (FERRÉZ).

Esta citação reflete as dificuldades sofridas pelos autores oriundos de periferia, dentre elas a opressão social, que é recorrente desde os antepassados da história brasileira na qual os índios e os negros exerceram papel de marginalizados. De acordo com Oliveira (2011) e com Dalcastagnè (2007), a literatura por ser considerada como instrumento de domínio por letrados de classe média e utilizada como meio de expressão social por vezes reprimiu a voz dos marginalizados periféricos, que ao invés de serem protagonistas do



próprio meio sofreram representação advinda de terceiros que assumiram o papel de “porta-voz”, e isto quando sequer houve representação.

A escritora indiana Gayatri Spivak em *Pode o subalterno falar?* parte do conceito atribuído pelo filósofo marxista Gramsci ao termo “proletariado” para defini-lo como sendo “as camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante” (SPIVAK, 2010, p. 12). Ao não ser promovido um espaço em que essas camadas possam ser ouvidas há a reprodução de poder e opressão, assim como quando o subalterno é utilizado como objeto por intelectuais que “almejam meramente falar pelo outro” (SPIVAK, 2010, p 13).

Acerca da perspectiva do intelectual sobre mazelas sociais, em *Épuras do social – Como podem os intelectuais trabalhar para os pobres*, Joel Rufino dos Santos reflete acerca da perspectiva do intelectual perante mazelas sociais e da ilegitimidade destes ao colocarem-se na posição dos “pobres” - termo utilizado por Rufino dos Santos para nomear membros pertencentes a classes menos favorecidas economicamente - ainda que possuam “boas intenções”, sendo assim não sendo os melhores representantes. (FRAZÃO, 2015)

Através da pesquisa de Érica Nascimento foi constatado que escritores periféricos têm aversão ao estudo de sua literatura realizado por acadêmicos, pois em sua grande maioria o periférico é excluído. Por conta disto, a própria autora da pesquisa, ainda que negra e periférica, sofreu com a resistência inicial por parte dos autores em lhe conceder entrevista. A justificativa dada por Sérgio Vaz, um dos grandes nomes da literatura marginal de periferia, foi a de que “é preciso que intelectuais estabeleçam contato com os sujeitos periféricos e frequentem seus espaços sociais para ter legitimidade de escrever sobre eles” (NASCIMENTO, 2009, p. 30). Essa legitimidade precisava ser conquistada para que esta literatura não fosse tratada como exótica ou inferior, ou fosse apropriada por intelectuais. Sendo assim, Nascimento passou a frequentar constantemente os espaços. O fato de ser negra e periférica e de ter participação nas atividades fez com que os autores a reconhecessem e colaborassem com seu estudo.

A legitimidade se fez importante, principalmente para a obra *Literatura Marginal: a cultura da periferia*, visto que, conforme Nascimento, determinados critérios deveriam ser atendidos para que determinada obra fosse publicada na revista, como a condição de marginalidade do autor e se o texto apresentava características literárias independente da



forma e do tema apresentados. Para explicitar essa importância, ao final de cada texto fora abordado o contexto social de seu respectivo autor, que em sua maioria encontravam-se ligados a movimentos ou projetos sociais e culturais como, por exemplo, ao hip hop.

Para melhor compreensão de como pode ser dada a representação social, Regina Dalcastagnè em *A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea* organiza sua produção em incorporar e reproduzi-la, descrevê-la evidenciando seu caráter de construção de identidade e provocar um posicionamento do leitor que se relaciona com sua forma de ver e se ver no mundo. Todavia, obras que refletem sobre qualquer grupo considerado marginalizado a partir da visão do próprio constituem uma problemática que ainda está sendo desenvolvida pelos estudos literários, principalmente questões ligadas ao *acesso à voz e ao lugar de fala*: “quem fala e em nome de quem” (DALCASTAGNÈ, 2007, p. 20).

Falar-se em perspectiva social também compõe a compreensão do papel da representatividade, visto que de acordo com a teórica política Iris Young (2000) o diferente posicionamento dos indivíduos na sociedade produz a capacidade deste de obter conhecimentos, histórias e experiências diversas, o que influencia em sua expressão de mundo e lhe caracteriza como singular. Ainda que agentes externos possuam sensibilidade frente à perspectiva de um determinado grupo social não é possível para estes compreender o mundo ou representá-lo através de sua mesma visão, pois suas experiências são distintas.

O poeta Sérgio Vaz, em *Manifesto da Antropofagia Periférica* (2007), declara que “A arte que liberta não pode vir da mão que escraviza”. Partindo do pressuposto do valor da autorrepresentação e a opressão sofrida pelos artistas periféricos levanta-se uma necessidade de se observar o fazer literário. A exclusão experimentada pelos marginais neste meio artístico provoca um impasse acerca do que produzem, se pode ou não ser considerado como literatura.

O que se entende por literatura abrange a estética, a inovação formal e a produção realizada por intelectuais de elevada classe social. Estas características restringem sua definição e geram automaticamente a noção de que o texto que apresentar traços diferentes destes não podem ser considerados como literários, pois conforme argumentado pelo estudioso de teoria literária Antoine Compagnon “dizer que um texto é literário subentende sempre que outro não é” (COMPAGNON, 1999, p. 33-34). A marginalidade permite o rompimento destas características e inclusive, conforme Miranda cita, quebra o estigma de



que a literatura é um “bem espiritual, fonte de ilustração e prazer desinteressado” (MIRANDA, 2014, p. 335). A partir disto pode-se afirmar que há dificuldade em criticar-se a literatura marginal de periferia devido ao impasse teórico, aos parâmetros consagrados adotados pelo fazer literário, que por sua vez agem como excludentes por menosprezar a expressão de grupos não privilegiados. Assim sendo, a própria noção de literatura pode ser considerada como produtora da marginalização.

Essa literatura feita na e pela periferia afronta as noções de teoria literária também através do posicionamento do que é definido por Rejane Oliveira como “sujeito como agente e produtor cultural” (OLIVEIRA, 2011, p. 36). Ou seja, o possuidor da voz neste meio literário específico pode remeter aos “subalternos”, aos de camadas mais baixas da sociedade, como conceitua Spivak. Entretanto, para Ferréz (2005), um dos principais nomes da literatura marginal, este sujeito pode ser definido como bandido ou “bicho solto”, que vive sob ilegalidade e utiliza a literatura como espaço para relatar sua vivência criminosa.

A articulação da voz do sujeito, sua posição e perspectiva social podem ser apontadas como um dos principais desafios enfrentados tanto pelo que se entende por marginal na literatura quanto pelo que abrange a teoria, visto que para esta última supostamente entende-se que os intelectuais são plenamente capazes de assumir a voz do sujeito marginalizado e falar sobre o desconhecido.

Conforme o teórico literário belga Paul De Man (1989), a teoria literária deveria transitar entre as modalidades de produção, recepção e valor, e ser voltada principalmente ao “transtorno de ideologias”, à “afronta” ao cânone e à promoção de equilíbrio da intensidade do que se entende por literário e não literário, o que é desempenhado pela literatura marginal periférica que, além disso, segundo Oliveira, possui caráter de voz coletiva tendo comprometimento em descrever as experiências de seu grupo social. Rejane Pivetta de Oliveira (2011) cita, ainda, as palavras de Paul De Man, que segundo ela, acredita na inclinação retórica da teoria, que “transtorna ideologias enraizadas, revelando a mecânica de seu funcionamento, transtorna o cânone e esbate as fronteiras entre o literário e o não literário”(DE MAN, 1989,P. 32)

A desconstrução de teoria, denominada por Spivak (2010) como “projeto de desaprendizagem” pode consistir no levantamento de hipóteses para que haja reflexão ao invés de se buscar assumir uma única possibilidade e limitar-se a ela. A apropriação e o estabelecimento de conceitos como verdade absoluta são prejudiciais para a desmistificação de quaisquer termos, teorias e julgamentos, assim como a deturpação e o



uso descontextualizado. Por fim, aponta-se que a teoria literária necessita se concentrar prioritariamente em democratizar o fazer literário e as representações sociais que este permite.

No geral, as questões abordadas pelas obras relacionam-se com o social, político, econômico e cultural e podem ser classificadas como produto de um meio. Sendo assim, é possível associá-las à noção trazida pelo filósofo e sociólogo Walter Benjamin, que na tese 7 de sua obra *Sobre o conceito da história*, de 1940, explicita que bens culturais são despojos, são fragmentados, e que a origem de todos estes incita o horror, pois a cultura é bárbara assim como sua transmissão. As obras literárias marginais periféricas trazem o que a sociedade discrimina e mostra-se avessa, entretanto, o horror é necessário e é parte da construção da cultura. Em suma, conforme Benjamin ressalta, “Nunca houve um monumento de cultura que não fosse também um movimento de barbárie” (BENJAMIN, 1987, p. 225).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise da literatura para além da ideia de esta ser supostamente um instrumento construído e dominado pela elite e por cânones, sendo assim podendo ser utilizada também por grupos socialmente desprivilegiados para retratarem-se, se auto representarem, contribuindo para a concretização do ideal do acesso a voz e do lugar de fala por parte destes que, no caso, são os periféricos.

A partir do que se entende pela promoção do lugar de fala, conforme Spivak, e sua efetivação dada pelo próprio subalterno, é possível concluir que obras de autores periféricos que falam sobre a periferia são um exemplo literário de que este pode ser protagonista de seu próprio meio ao invés de outrem assumir seu papel de autorrepresentação.

Essas obras são importantes para a representação da periferia e do periférico, para a consciência da realidade histórica, geográfica, política e econômica de um espaço e grupo social, para o reconhecimento e a valorização da diversidade de experiências da vida humana e para a democratização das manifestações, estendendo-se para além do campo literário e formal.



Ao tratar de questões inerentes à realidade de determinada comunidade que lida, principalmente, com a violência e a criminalidade, o cunho das obras pode estar associado ao de denúncia, visto que ao apontar as dificuldades presentes pode despertar no leitor a consciência da necessidade de se promover mudanças no meio a fim de que se ofereça uma melhor qualidade de vida para as pessoas ali presentes, que ao serem condicionados a uma realidade complexa por muitas vezes não conseguem transpassá-la e desenvolverem-se.

Pode-se atestar, então, que as obras trazem elementos que precisam ser explorados e repercutidos por mais vezes não só na literatura, mas também em outros veículos de manifestação, por evidenciar condições (sub) humanas nas quais indivíduos são tentados a agir de acordo com seus instintos como meio de sobrevivência, o que reflete a desigualdade da sociedade brasileira contemporânea.

REFERÊNCIAS

160

BENJAMIN, Walter. **Sobre O Conceito de História**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet – Obras escolhidas. Vol. 1. 3ª ed. In: Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

DALCASTAGNÈ, Regina. **A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea**. Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 18-31, dezembro 2007. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/4110/3112>>. Acesso em: 01 de outubro de 2017.

DE MAN, Paul. **A resistência à teoria**. Tradução de Teresa Louro Perez. Lisboa: Edições 70, 1989. 156 p.

FERRÉZ. **Capão Pecado**. 2ª ed. São Paulo: Planeta, 2016.

FERRÉZ. **Literatura marginal: talentos da escrita periférica**. São Paulo: Agir, 2005. 132 p.

FRAZÃO, Idemburgo. **Diálogos marginais: As identidades periféricas em João Antônio e Lima Barreto**. XII Congresso Internacional da ABRALIC – Centro, Centros – Ética, Estética. UFPR – Curitiba, Brasil. 18 a 22 de julho de 2011. Disponível em: <<http://www.abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0484-1.pdf>>. Acesso em: 30 de outubro de 2017.



FRAZÃO, Idemburgo. **Nos lastros identitários de Joel Rufino dos Santos e Lima Barreto.** Revista Uniabeu, 2015. Disponível em: <revista.uniabeu.edu.br/index.php/RU/article/download/2060/pdf_287>. Acesso em: 30 de outubro de 2017.

HOLLANDA, Heloísa. **Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde: 1960/70.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004. 240 p.

HOSSNE, Andrea Saad. **Para entender a literatura marginal.** Entrevista a ARAÚJO, Joana e COSTA, Neide. *Caros Amigos Especial: Literatura marginal.* Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade Anhembí Morumbi, 2005.

KOWARICK, Lúcio. **Capitalismo e marginalidade na América Latina.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.

MIRANDA, Fernanda. **A experiência literária marginal em três atos: o “maldito” dos anos 70, o “periférico” contemporâneo e a outsider Carolina Maria de Jesus.** Revista Estação Literária, Londrina, Volume 12, p. 332-342, jan. 2014. Disponível em: <<http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL12-Art21.pdf>>. Acesso em: 01 de outubro de 2017.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. **Vozes marginais na literatura.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

OLIVEIRA, Rejane Pivetta de. **Literatura marginal: questionamentos à teoria literária.** Revista Ipotesi, Juiz de Fora, v. 15, n. 2 – Especial, p. 31-39, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2011/05/7-Literatura.pdf>>. Acesso em: 01 de outubro de 2017.

SANTOS, Darlan; FUX, Jacques. **Litera-Rua: a cultura da periferia em Capão Pecado, de Ferréz.** Est. Lit. Bras. Contemp. Brasília, n. 41, p. 87-89, jan./jun. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/elbc/n41/06.pdf>>. Acesso em: 01 de outubro de 2017.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

VAZ, Sérgio. **Manifesto da Antropofagia Periférica.** Semana de Arte Moderna da Periferia: Antropofagia Periférica. São Paulo, 2007.

YOUNG, Iris Marion. **Inclusion and democracy.** Oxford University Press, 2000. p. 136.